

ECO E NARCISO

leituras de um mito

AUTORES E TEXTOS DA ANTIGUIDADE

seguidos de uma

Antologia de Autores Portugueses
ou de Língua Portuguesa

Organização de
Abel N. Pena

*Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Investigador do Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras
da Universidade de Lisboa*

Cotovia
Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras
da Universidade de Lisboa

Este livro é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projecto UID/ELT/00019/2013.

Título: *Eco e Narciso, leituras de um mito*

© Dos Autores e de Edições Cotovia, Lda. Lisboa 2017
© Centro de Estudos Clássicos, Lisboa, 2017

Todos os direitos reservados.

ISBN 978-972-795-382-0
ISBN 978-972-9376-45-0

Índice

Préfacio de Abel N. Pena	p. 9
Introdução de Nereida Villagra	15

TEXTOS E FONTES DA ANTIGUIDADE

Cónon, <i>Diegeseis</i> 24, trad. do grego de Rui Carlos Fonseca	35
Papiro Oxirrincó (<i>P. Oxy.</i>) 69.4711, trad. do grego de Rui Carlos Fonseca	36
Filóstrato, o Velho: Narciso, <i>Imagens</i> 1, 23, trad. do grego de Eduardo Ganilho	38
Calístrato, o Sofista: À estátua de Narciso, <i>Descrições</i> 5, trad. do grego de Eduardo Ganilho	41
Pausânias, <i>Descrição da Grécia</i> 9.31.7-9, trad. do grego de Rui Carlos Fonseca	43
Longo, <i>Dáfnis e Cloe</i> 3.22-23, trad. do grego de Rui Carlos Fonseca	45
Severo de Alexandria, <i>Narciso</i> , trad. do grego de Nereida Villagra	47
Nono de Panópolis, <i>Dionisiacas</i> 48.570-589, trad. do grego de Rui Carlos Fonseca	48
<i>Antologia Palatina</i> 11.76, trad. do grego de Nereida Villagra	50
<i>Antologia Palatina</i> 9.27, trad. do grego de Rui Carlos Fonseca	51
Ovídio, <i>Metamorfoses</i> 3.339-510, trad. do latim de Paulo Farmhouse Alberto	52
<i>Primeiro Mitógrafo do Vaticano</i> II. 83, trad. do latim de Maria Luísa Resende	58

ANTOLOGIA DE AUTORES PORTUGUESES OU DE LÍNGUA PORTUGUESA

1. Do Renascimento ao Barroco.

Seleção e organização de Ana Filipa Gomes Ferreira

<i>Cancioneiro Geral</i> de Garcia de Resende	63
Luís Vaz de Camões	66

Diogo Bernardes	73
Gregório Silvestre	75
Jerónimo Corte Real	78
Pedro de Andrade Caminha	79
Manuel de Faria e Sousa	80
D. Francisco de Portugal	85
Vasco Mousinho de Quevedo e Castelo Branco	86
Manuel da Veiga Tagarro	87
Jacinto Freire de Andrade	89
Francisco de Vasconcelos Coutinho	93
Bibliografia activa	94

2. Do século XVIII ao século XXI.

Seleccção e organização de Ricardo Nobre

Soror Maria do Céu	97
Manuel Maria Barbosa du Bocage	98
António Feliciano de Castilho	99
António do C. Ferreira de Simas	113
Luís de Montalvor	115
José Régio	120
Fernando Pessoa	121
Eugénio de Andrade	123
Irene Lisboa	126
Sebastião da Gama	129
Alberto de Lacerda	130
Sophia de Mello Breyner Andresen	131
Miguel Torga	132
José Gomes Ferreira	134
João Maia	135
Fernando Guimarães	136
David Mourão-Ferreira	137
Jorge de Sena	138
Ruy Cinatti	139
Nuno Júdice	140
Ricardo Marques	142

Jordi Pàmias, <i>Narcís i l'altre</i> , selecção e tradução de Nereida Villagra	143
---	-----

BIBLIOGRAFIA	149
--------------	-----

Pausânias

(séc. II d.C.)

Descrição da Grécia 9.31.7-9

Tradução de RUI CARLOS FONSECA

No cimo do Hélicon, há um pequeno rio de nome Lamos e, na região dos Téspios, existe um lugar chamado Dónacon. É aí que se situa a fonte de Narciso. Contam que Narciso olhou para a água dessa fonte e que, não percebendo que olhava para a sua própria imagem reflectida, se apaixonou, sem o saber, por si próprio. Por causa desse amor, acabou por encontrar a morte junto à fonte. Esta história é deveras absurda: o facto de um rapaz, tendo já chegado à idade de ser conquistado pelo amor, não ser capaz de distinguir um homem do seu próprio reflexo.

Existe uma outra versão da história de Narciso, embora menos conhecida do que a primeira. Diz-se que Narciso tinha uma irmã gémea e que ambos eram idênticos em todos os aspectos da sua aparência: o cabelo era exactamente igual, a roupa que vestiam era também semelhante e os dois iam juntos à caça. Consta que Narciso se apaixonou pela irmã e que, quando a jovem morreu, se dirigiu para a fonte, sabendo que olhava para a sua própria imagem reflectida. A ida à fonte não lhe trouxe, porém, o descanso pretendido para a dor de amor, porquanto na visão que contemplava não julgava ver a própria imagem reflectida, mas a imagem da sua irmã.

A terra fez brotar a flor de narciso antes desta história, assim me parece, se atentarmos ao que vem indicado nos versos de Panfo¹³. Pois, na verdade, este poeta nasceu muitos anos antes de Narciso, o Téspio. Além disso, conta o poeta que Cora¹⁴, a filha de Deméter, fora raptada

¹³ Poeta grego que compôs hinos. Terá sido um autor da época arcaica (anterior a Homero) ou da época helenística (a ter em conta a análise estilística dos seus versos). Cf. *Encyclopaedia of the Ancient World* (vol. 10, s.v. “Pamphos”); e *The Oxford Classical Dictionary* (s.v. “Pamphus”).

¹⁴ Trata-se de Perséfone, filha de Deméter, raptada pelo deus Hades, que a levou para os Infernos, fazendo dela sua mulher. Segundo o mito, a jovem estava a colher flores, no momento em que foi raptada. A estadia alternada de Perséfone entre o Olimpo (onde vive com a mãe, durante uma metade do ano) e os Infernos (onde vive com o marido, durante a outra metade do ano) explica o mito da sucessão das estações.

quando se distraía a colher flores. Não foram as violetas que a levaram a ser raptada, mas os narcisos.

EDIÇÃO

ROCHA-PEREIRA, Maria Helena (1981), *Pausaniae. Graeciae Descriptio*, vol. 3, Leipzig.